

16 de julho de 2020

Boletim n.85 - Ciências Sociais e coronavírus

No boletim n.85, *Amurabi Oliveira (UFSC e Universidade Autônoma de Barcelona)* relembra as contribuições de Bourdieu e Passeron, que buscaram apontar como a estrutura escolar colabora na reprodução das desigualdades sociais de forma não isolada, movimento evidenciado no contexto pandêmico, pois a opção pela educação a distância acaba por excluir os alunos mais vulneráveis. E *Felipe Fernandes (UFBA)* nos conta, de perto, como tem sido a experiência da pandemia em São Félix, no Recôncavo Baiano, detalhando algumas dinâmicas sociais dos bairros e a forma como lá circula a informação. Com isso, constata uma grande distância entre diretrizes e normas de órgãos oficiais, cientistas e médicos e as realidades e possibilidades das populações de pequenos municípios Brasil afora de segui-las.

As desigualdades educacionais no contexto da pandemia do COVID-19

Por Amurabi Oliveira

Inúmeros intelectuais têm afirmado que a pandemia do COVID-19 trouxe mudanças sem precedentes para nossas vidas, evidenciando ainda mais as desigualdades existentes em nossas sociedades como as de classe, gênero e raça (Matthewman e Huppertz, 2020). Neste ponto, chama a atenção também o aprofundamento das desigualdades educacionais, principalmente no contexto do ensino remoto, que tem se colocado como uma “saída” para a continuidade das atividades didático-pedagógica nos mais diversos níveis de ensino. Proponho-me, portanto, a refletir sobre o aprofundamento das desigualdades educacionais no contexto da pandemia do COVID-19, realizando algum diálogo com a obra *A Reprodução* (Bourdieu, Passeron, 2008 [1970]), obra que completa meio século de existência.

Em que pese a heterogeneidade das medidas adotadas na atual pandemia, as instituições escolares foram no geral bastante afetadas, ainda que haja singularidades que envolvem os diferentes níveis que compõem o sistema de ensino. Pensemos, por exemplo, que a educação infantil, mesmo antes da pandemia, já vinha enfrentando sérios problemas com relação ao acesso das vagas, principalmente por parte de famílias mais pobres (Silva, Strang, 2020) e mesmo o acesso às séries finais do ensino médio, bem como ao ensino superior, ainda não foi completamente universalizado no Brasil.

Em nosso país, também antecede à pandemia um intenso debate na arena pública acerca das políticas educacionais, o que tem se tornado objeto de intensas disputas (Michetti, 2020). Destaca-se neste contexto os ataques à escola pública (Zan e Krawczyk, 2019) e às universidades, com destaque à área de Ciências Humanas e Sociais

(Garcia-Parpet, 2019). A instabilidade com relação ao Ministério da Educação, que teve quatro ministros num período de um ano e meio, também emoldura este cenário.

Quando falamos na heterogeneidade de ações no campo educacional no período da pandemia, temos que compreender também que estamos diante de um sistema de ensino que possui um fosso bastante conhecido, que diz respeito às diferenças entre escolas públicas e privadas. Essas instituições possuem um corpo discente com substantivas diferenças socioeconômicas, como bem demonstra a pesquisa de Alves, Soares e Xavier (2014). E, apesar do acúmulo de conhecimento existente no campo das ciências sociais sobre as desigualdades educacionais, o Ministério da Educação chegou a insistir numa campanha publicitária em prol da manutenção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na qual era realizado o seguinte apelo: “Estude, de qualquer lugar, de diferentes formas, pelos livros, internet, com a ajuda a distância dos professores”. Em tom semelhante, meios de comunicação e grupos em redes sociais têm atacado as universidades públicas, exigindo um retorno imediato das aulas, sem se problematizar as condições objetivas para esse retorno.

Quando Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron publicaram *A Reprodução* em 1970, eles estavam particularmente preocupados em desvelar o mito liberal da meritocracia escolar, buscando compreender como o sistema de ensino nas sociedades modernas operava. Esse esforço estava lastreado por um conjunto de pesquisas que começaram a ser realizadas principalmente a partir da década de 1960 (Oliveira, 2018). A análise empreendida pelos autores apontava para um aprofundamento das desigualdades sociais na escola, considerando-se que, apesar desta instituição se apresentar como universal, ela representava uma realidade de classe. Assim sendo, para alguns estudantes a escola demarcava uma continuidade de seu *habitus* familiar e, para outros, não apenas uma descontinuidade, como também um processo profundamente violento.

As ideias que lastreiam a defesa da manutenção do ENEM e o retorno imediato das aulas nas universidades públicas baseiam-se, justamente, no pensamento que Bourdieu e Passeron buscavam combater. É um pensamento que desconhece (ou ignora) que o “sucesso escolar” não é fruto simplesmente do “mérito individual”, mas sim reflexo de um conjunto de condições subjetivas e objetivas para sua produção.

Compreendo que computador, internet e demais acessórios demandados para as aulas virtuais, podem ser interpretados como formas de capital cultural objetivado, que estão distribuídos de forma desigual e que, portanto, têm implicações sobre o desempenho escolar. Ademais, deve-se reconhecer a existência de outras questões como: espaço físico disponibilizado na residência do estudante para os estudos, necessidade dele colaborar com as tarefas domésticas (acentuando-se aqui a desigualdade de gênero), a escolarização dos pais e a capacidade de acompanhar e auxiliar nas atividades escolares, etc. Todos esses elementos incidem sobre o “sucesso escolar”.

Assim sendo, entendo que o papel das políticas educacionais deva ser o combate das desigualdades sociais. Do mesmo modo que o sistema educacional isoladamente não reproduz tais desigualdades, porém pode contribuir para sua manutenção e aprofundamento, penso que ele também pode ser uma chave relevante para sua superação. Em minha perspectiva, os caminhos a serem trilhados no cenário de pandemia e pós-pandemia devem reforçar o papel da educação pública de qualidade e o oferecimento de condições mais iguais para seu acesso e permanência. De fato, a pandemia nos leva a repensar a escola (Tarabini, 2020), porém, esse movimento deve ser empreendido numa defesa forte do sistema educativo como agente central na transformação social e na superação das desigualdades, e não no esvaziamento de seu sentido sociopolítico.

Amurabi Oliveira é Professor da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do CNPq. Atualmente é professor visitante na Universidade Autônoma de Barcelona.

Referências bibliográficas:

Alves, Maria Teresa Gonzaga; Soares, José Francisco; Xavier, Flavia Pereira. Índice Socioeconômico das Escolas de Educação Básica Brasileiras. *Ensaio: avaliação e políticas em educação*, v.22, n. 84, p. 671-704, 2014.

Bourdieu, Pierre; Passeron, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Garcia-Parpet, Marie-France. Coup d’œil sur l’éducation au Brésil de Bolsonaro: « Pas de financements pour la philosophie et la sociologie : il faut respecter l’argent du contribuable ». *Savoir/Agir*, v. 49, n. 3, p. 95-103, 2019.

Matthewman, Steve; Huppertz, Kate. (2020). *A sociology of Covid-19*. *Journal of Sociology*, v. 00, n. 0, p. 1-9.

Michetti, Miqueli. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 35, n.102, p. 1-19, 2020.

Oliveira, Amurabi. A atualidade de “Os Herdeiros”. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 15, n. 29, p. 303-308.

Silva, Luiz Henrique Gomes; Strang, Bernadete de Lourdes Streisky. A obrigatoriedade da educação infantil e a escassez de vagas em creches e estabelecimentos similares. *Pro-posições*, v. 31, n.1, p. 1-19.

Tarabini, Aina. ¿Para qué sirve la escuela? Reflexiones sociológicas en tiempos de pandemia global. *RASE: revista de sociología de la educación*. v. 13, n. 2, p. 145-155, 2020.

Zan, Dirce; Krawczyk, Nora. Ataque à escola pública e à democracia: notas sobre os projetos em curso no Brasil. *Retratos da Escola*, v. 13, n. 27, p. 607-220, 2019.

Desigualdades Sociais e as Agendas da Pandemia em um Município do Recôncavo Baiano

Por Felipe Fernandes



Foto: Tikau Babado, moradora de São Félix e amiga pessoal, admira o grafite "Seja Luz".

Muitos foram os artigos publicados neste Boletim sobre o impacto da COVID-19 no cotidiano de moradores de grandes centros urbanos. Me proponho a contar aqui uma outra realidade, do impacto da pandemia em um pequeno município do interior do Brasil, São Félix, no Recôncavo Baiano, região que circunda a Baía de Todos-os-Santos. Considerada majoritariamente negra, tem influência das culturas africana e indígena. São Félix tem 14 mil habitantes, está nas margens do Rio Paraguaçu, 110 km distante da capital do estado. A maioria da população é jovem, na faixa dos 25-34 anos; e a população adulta tem baixa escolaridade, com alta prevalência de analfabetos, apesar de 97,5% dos jovens até 18 anos frequentarem a escola. O município se divide entre sede e zonas rurais e se separa do município histórico de Cachoeira pela Ponte Imperial Dom Pedro II, inaugurada no século XIX e importante atração turística.

Em termos socioeconômicos, 51,5% da população vive com até meio salário mínimo e apenas 14,4% possuem ocupação com renda fixa. Como estou cumprindo o isolamento aqui, observo que a população é dependente de políticas sociais como o Bolsa Família. Na última gestão de Dilma Rousseff, por exemplo, os moradores foram altamente impactados pelo fim do seguro-defeso, que complementava a renda das famílias ribeirinhas. Assim, o município é pobre e com baixos índices de qualidade de vida e de perspectivas para seus cidadãos, apesar da riqueza em termos culturais pela ancestralidade do candomblé, do estilo musical reggae e da cerâmica utilitária feita nas

casas de artesãs e artesãos – dentre os quais alguns centenários, como é o caso de Dona Cadu.

Foram tomadas medidas preventivas à pandemia desde março e os dois primeiros casos no município foram confirmados apenas em 02 de junho, com o primeiro óbito em 28 de junho. No início de maio, foram instaladas três barreiras sanitárias nas entradas do município, cortado por uma estrada que dá acesso à BR-101. Nas três primeiras semanas de monitoramento, a prefeitura apontou que 80 mil carros atravessaram o município, hipótese levantada para a chegada do vírus em São Félix. No final de maio, a prefeitura passou a realizar *lives* sobre a pandemia, as quais nunca foram amplamente acessadas, com pico de 70 espectadores presentes para elogiar a gestão do prefeito, recentemente infectado.

No início da pandemia, entre março e abril, a situação era de incerteza para a população mais vulnerável. Uma política necessária à população é a distribuição de cestas básicas e de sacas de legumes e verduras, incluindo raízes como aipim e inhame, interrompida sob o argumento de evitar aglomeração. Assim, o primeiro direito humano comprometido foi a **segurança alimentar**. Percebi que a solidariedade comunitária, pelo menos na vila em que resido, se tornou algo cotidiano. Trocas de diversas ordens, como de cachos de bananas por peixe ou mariscos, ou mesmo de raízes por “carne de caça”, têm sido constantes. Eu ganhei abóboras, aipim e maracujá trazidos da zona rural por familiares de vizinhos. O único supermercado só assumiu medidas de prevenção no final de abril, como a exigência do uso da máscara e a higienização das cestas e dos carrinhos. Essas medidas foram sendo paulatinamente assumidas nos mercadinhos de bairro e no comércio local. Em maio, foi instituído o **toque de recolher**, que proibia qualquer circulação no município entre 20h e 5h, medida altamente controlada pela polícia local, que possui apenas uma viatura para todo o município.

Se a segurança alimentar foi comprometida logo de início, a **educação** foi prontamente enfrentada. Em vez de um ensino remoto mediado por tecnologias digitais, optou-se pelo envio de um pacote semanal de fichas didáticas impressas. Assim, as famílias das e dos estudantes buscam, desde março, o pacote em datas e horários predeterminados. E, como ouvi de algumas mães, sempre que foram buscar os pacotes, a escola estava vazia e não havia aglomeração que comprometesse o distanciamento social.

Na vila em que moro, é comum o compartilhamento, por duas ou mais casas, de **internet** de banda larga, que aqui ainda não possui cabeamento de fibra ótica, sendo a conexão mais lenta do que nas capitais e em cidades médias do país. Nas casas da vila, algumas têm computadores, sempre muito antigos e lentos. E, em casas com crianças, é comum a presença dos *tablets*. Todos, adultos e adolescentes, possuem celular com dados móveis e acessam diariamente redes sociais e aplicativos de comunicação. Os “fuxicos” sobre a pandemia viralizaram por esses meios. Mesmo os adultos analfabetos utilizam amplamente essas redes, e é comum eu receber mensagens pedindo que grave

um áudio lendo um texto ou interpretando algum edital, como foi o caso do recente cadastramento de artistas e de grupos culturais para o recebimento de auxílio emergencial.

Neste período, não recebi relatos de **violência doméstica** ou carga de **trabalho extra** para as mulheres da vila. Essas apontaram o isolamento como "*bom*", pois estimulou a interação em família. Além disso, na vila, as casas compartilham parede; e qualquer notícia, especialmente de violência, circula rapidamente. Através das redes de fuxico, temos mapeados os casos de violência conjugal e a intervenção comunitária impede quaisquer apagamentos ou silenciamentos. Cabe lembrar que a vida aqui é muito ruidosa. As brigas são barulhentas, o volume da televisão e dos equipamentos de som é altíssimo, incluindo os carros equipados com caixas de som que concorrem entre si, desde as primeiras horas da manhã até o final da tarde, também nos fins de semana. O grande escândalo na comunidade foi o divórcio do casal composto de um rastafari e uma evangélica, que "abandonou" o marido sem quaisquer estruturas e levou embora todo o "auxílio emergencial" da família, o que o obrigou a dormir em uma casa de pesca sem paredes, passando frio e fome.

Acompanhei bastante as *lives* sobre a situação da pandemia em África. Aqui, me parece haver uma situação parecida, pois é comum a cultura das feiras livres, e as casas são tão pequenas que a rua se torna, principalmente no entardecer, uma extensão das casas das pessoas. Acredito ser impossível, neste contexto, pensar em uma política de isolamento social como a divulgada pela mídia, que toma como modelo uma base urbana e de camadas médias. Como apontou uma vizinha, o "estoque" de alimentos é impossível nesta comunidade, pois aqui circula pouco dinheiro.

As poucas propostas de **lockdown** tiveram pouca adesão, pois são famílias de 5-6 pessoas que precisariam ficar trancadas em uma casa de 25-30 metros quadrados. Isso tem condenado a população a uma extrema vulnerabilidade ao vírus, que atinge números alarmantes, sobretudo após o festejo de São João, que, mesmo desencorajado pela prefeitura, parece ter sido responsável pelo aumento exponencial de casos. Em meados de julho, alcançamos 156 casos monitorados, 18 suspeitos e 51 confirmados (26 recuperados e 2 óbitos).

Como contribuição à comunidade, tenho produzido **podcasts** e **vídeos**, que faço circular nos grupos virtuais, privilegiando a imagem e o som em razão dos adultos analfabetos à minha volta. O primeiro viralizou no início de abril, gerando revolta na prefeitura. Entretanto, o impacto foi positivo pois, após a divulgação, se passou a publicar os boletins epidemiológicos. A prefeitura tem enfrentado o negacionismo e a desinformação da população com uma política policialesca. Os fuxicos sobre pessoas contaminadas e outras denúncias infundadas têm sido ameaçados pela prefeitura de processo judicial. Mas é importante destacar que os boletins epidemiológicos são pouco compreendidos pelas pessoas da vila. Por isso fiz um vídeo explicando detalhadamente o boletim e sugerindo um método de acompanhamento dos números. No momento, quaisquer sintomas, mesmo os leves, como dor de garganta ou desconforto respiratório,

geram uma notificação. Somente nas horas durante a escrita deste texto foram confirmados 15 novos casos.

Aqui, vejo o quanto há um abismo entre as agendas políticas da pandemia e seu descolamento da realidade. De um lado, as agendas políticas das esquerdas e movimentos sociais fazem pouco sentido para este contexto. Por outro, vejo pouca compreensão local sobre os riscos que esse vírus representa, pois não basta a difusão da informação sem a "tradução cultural" para o contexto local. Enquanto isso não acontecer, continuaremos usando máscaras, não com o intuito de criar uma barreira física ao vírus, mas para respeitar as ordens que vêm de cima, da mídia, da medicina ou dos governos.

Felipe Bruno Martins Fernandes é professor da Universidade Federal da Bahia e coordenador do GIRA: Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação.

Estes textos são parte de uma série de boletins sequenciais sobre o coronavírus e Ciências Sociais que está sendo publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Nos canais oficiais dessas associações estamos circulando textos curtos, que apresentam trabalhos que refletiram sobre epidemias. Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e também de afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

